



FATORES ASSOCIADOS AO NÍVEL DE FORMAÇÃO E A DISPONIBILIDADE DE EPI AOS TRABALHADORES DA SAÚDE FRENTE A COVID-19

Jarbas da Silva Ziani, discente de Enfermagem, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Bruna Lixinski Zuge, discente de pós-graduação, Universidade Federal de Santa Maria
Karlo Henrique dos Santos Herrera, discente de Enfermagem, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Maria Eduarda Costa de Almeida, discente de Fisioterapia, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Carla de Oliveira Michelin, discente de Fisioterapia, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Jenifer Härter, docente do curso de Enfermagem, Universidade Federal do Pampa

jarbasziani.aluno@unipampa.edu.br

A rápida disseminação da COVID-19 exigiu decisões e elaborações de respostas rápidas e estratégicas nos diferentes âmbitos gestores, que, apesar de iniciadas prontamente em solo brasileiro não foram capazes de conter a disseminação da doença. A pandemia causada pela COVID-19 vem promovendo grandes desafios, os quais acredita-se que o mundo está apenas parcialmente preparado. Dentre os diversos desafios, ressalta-se os enfrentados pelos trabalhadores da saúde, como o aumento expressivo na carga de trabalho, visto que eles, além de prestar cuidados e atendimentos específicos a pacientes infectados, passaram a lidar com a escassez de trabalhadores, suprimentos médicos e equipamentos de proteção individual (EPI), o qual é de extrema importância para que os atendimentos sejam realizados de forma segura frente a um momento de pandemia. Assim, esse estudo objetivou avaliar os fatores associados ao nível de formação profissional e a disponibilidade de EPI aos trabalhadores da saúde. Trata-se de um estudo de delineamento transversal quantitativo, com amostra selecionada por conveniência de trabalhadores da área da saúde de uma cidade gaúcha. Foi realizado de março a agosto de 2020, e acompanhou 750 trabalhadores da saúde do quadro ativo da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), os quais foram monitorados quanto à presença de sintomas de COVID-19. Se, na presença de sintomas procedeu-se o teste RT-PCR ou anticorpos IgG e IgM conforme recomendação. Para inclusão no estudo considerou-se, estar em atividade no período da pandemia da COVID-19 e, o critério de exclusão estabelecido foi, trabalhadores em internação hospitalar antes da data de agendamento prevista para testagem na SMS em decorrência da sintomatologia de COVID-19. Para análise das variáveis quantitativas considerou-se a idade em anos completos, tempo de formação e dias de trabalho, apresentadas em mediana, média e desvio-padrão (\pm). A amostra estratificou-se em dois grupos, sendo um grupo composto por trabalhadores de nível médio e o outro, de nível superior. As variáveis categóricas analisadas foram: sexo (masculino/feminino), recebeu orientação sobre o uso de EPI, qual o momento de maior risco para o trabalhador com relação a paramentação. Analisou-se o recebimento dos EPI (touca, óculos de proteção, luvas, face shield, avental descartável, máscara N95 ou PFF, máscara cirúrgica e máscara de pano). Ressalta-se, ainda, que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 30837420.0.0000.5323 e respeitou todos os preceitos éticos. Quanto aos resultados, observou-se que, dos 750 trabalhadores de saúde, 27% apresentaram sintomas gripais nos seis meses

analisados. Totalizando (206) 34% positivos para COVID-19, sendo 197 análises de RT-PCR e nove diagnosticados com teste rápido apresentando IgM. A média de idade foi 39 anos completos (DP±11). Quanto à jornada de trabalho, os dias ativos na semana foram de cinco dias (DP±1) em média e 7 horas diárias (DP±3). Do total, 75,72% dos participantes eram do sexo feminino, fato que reflete a maioria da realidade da classe trabalhadora, sendo exercida majoritariamente por mulheres. 69,41% eram trabalhadores de nível superior e 78,15% prestavam assistência direta aos pacientes. Do total, 28,6% manifestaram não ter recebido orientação sobre a utilização dos EPI, fato que torna-se de extrema relevância, visto que não saber utilizar os EPI de forma correta, torna esses profissionais ainda mais suscetíveis à contaminação. Ao analisar significância estatística no qui-quadrado em relação aos níveis de formação com as variáveis de recebimento de luvas ($p<0,001$) e face shield ($p<0,001$), os trabalhadores de nível superior que receberam e a utilizaram corretamente não se contaminaram pela COVID-19, uma vez que o rosto e as mãos são a principal forma de disseminação da doença e, com a proteção adequada evita-se que o profissional toque o rosto, nariz e olhos. Ainda, quanto ao momento de maior risco de contaminação, grande parte dos trabalhadores de nível médio, referiram apenas risco ao atender casos suspeitos ($p<0,001$), ou seja, consideram-se expostos ao atender casos assintomáticos ou de sintomatologia leve de COVID-19. Por fim, pode-se evidenciar que os profissionais de nível superior demonstraram possuir maior conhecimento acerca da utilização dos EPI, o que pode estar relacionado com o tempo de formação e a forma de ensino, tendo o nível superior maior direcionamento e articulação teórica/prática. Ainda, observou-se que essa classe contaminou-se menos pela COVID-19 em comparação com os trabalhadores de nível técnico. O que demonstra a necessidade de capacitações, treinamentos e atualizações contínuas acerca da utilização correta dos EPI, uma vez que, se os profissionais de saúde não possuem conhecimento suficiente sobre aspectos relacionados à paramentação e a desparamentação, estão ainda mais suscetíveis a situações de risco e contaminações uma vez que esses profissionais não dispõem na sua totalidade.

Agradecimentos: A Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA e a Secretária Municipal de Saúde de Uruguaiana.

Palavras-chave: COVID-19; Equipamentos de Proteção Individual; Pessoal de saúde.